

<p><b>FAHIMTB</b></p>	<h1>O TUIUTI</h1>	
		<p><b>ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL</b></p>
<p>AHIMTB/RS ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA</p>	<p><b>200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN</b></p>	
<p><b>Ano 2012</b></p>	<p><b>JUNHO</b></p>	<p><b>Nº 20</b></p>

## **O 80º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 1932 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Cel Cláudio Moreira Bento (\*)



Em 1º de março de 1996, no contexto de um encontro do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Centro de Reabilitação de Itatiaia (CRI) e Associação Educacional Dom Bosco (AEDB), nos coube, com o seu 3º Vice presidente, coordenar o encontro sob o título “A Presença Militar no Vale do Paraíba”. Nesta ocasião, fundamos a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), destinada a desenvolver a História das Forças Terrestres Brasileiras (FTB): Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Policiais e Bombeiros

Militares. E nesta missão, como não podia deixar de ser, ocorreram diversas abordagens sobre este histórico movimento do ponto de vista governista e revolucionário. Este foi o predominante!

O objetivo primordial da AHIMTB era levantar, na História Militar Brasileira, subsídios de Arte e Ciência Militar Brasileira, com o objetivo de servirem à instrução dos quadros da FTB e contribuírem para o desenvolvimento progressivo de uma doutrina militar brasileira genuína, sonho de Duque de Caxias em 1862, o que se impõe hoje, mais do que antes, para um Brasil grande potencia econômica e social, mas longe de ser considerado uma potência militar. Coerente com a ideia, consagrada pelo pensamento militar mundial, de que “País para ser rico deve ser militarmente forte”. Ou também fiel a este princípio universal: “Se queres a Paz, prepara-te para a Guerra”.

Desde minha infância em Canguçu-RS, minha terra natal, ouvia falar na Revolução de 32 e sua projeção local, através de seus filhos que, integrando o 9º RI de Pelotas, combateram a Revolução no Vale do Paraíba e, sobre o Combate do Cerro Alegre, na vizinha Piratini<sup>1</sup>, quando ali foi aprisionado o ex-Presidente gaúcho, Antônio Augusto Borges de Medeiros, que saíra em campo em defesa dos paulistas, isto no dia 20 de setembro de 1932, no 97º aniversário do início da Revolução Farroupilha.

<sup>1</sup> Antiga capital farroupilha.

E daí por diante sempre estudamos este movimento, traduzindo-o em artigo na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo como fruto de palestra que realizamos a pedido do IEV em Cruzeiro/SP. Trabalho que divulgamos em artigo *A Revolução Paulista de 1932 - Operações Militares* na Revista A Defesa Nacional nº 760, abr/jun 1993, p.25/58. E na mesma revista em seu nº 775, jan/mar, 1997 publicamos artigo *Operações da Aviação do Exército em Resende na Revolução de 1932*. Abordamos o tema na publicação *História da Polícia Militar de São Paulo*, publicado pela PMSP em seu sesquicentenário. Esta Revolução se projetou na minha comunidade natal no nome de suas duas primeiras agremiações futebolísticas, O Cruzeiro e o Itararé, nomes levado por participantes canguçuenses do combate a Revolução de 32.

Como membro da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército de 1971/74 compulsamos a documentação do Exército relativa a esta Revolução e desconhecida dos revolucionários.

Mas vamos a outras considerações neste 80º aniversário da Revolução Constitucionalista de 1932, que está para São Paulo como a Revolução Farroupilha (1835/45) está para o Rio Grande do Sul<sup>2</sup>.

Recordo que a TV CULTURA de São Paulo levou ao ar, em 9 de julho de 2007, programa especial comemorativo dos 75 anos da Revolução de 1932, apresentando um debate na Assembléia de São Paulo e reportagens de estudantes de jornalismo nas frentes onde se desenrolaram os combates.

A AHIMTB participou diretamente do debate através desta Presidência, a convite da TV Cultura, na área Cruzeiro-Túnel da Mantiqueira-Passa Quatro. E também o seu acadêmico emérito Hernani Donato, autor do precioso livro Dicionário das Batalhas Brasileiras e que é autoridade no tema de 1932. Participaram, indiretamente, o patrono da Delegacia da AHIMTB em São Paulo, o General Bertoldo Klinger, comandante militar do movimento em São Paulo, e mais o seu patrono de Cadeira Especial o Coronel Médico da Polícia Militar de Minas, Juscelino Kubitschek, na frente Mineira. Esta, foi a que atacou e venceu a forte resistência paulista no túnel e maciço da Mantiqueira, que separava os atacantes mineiros em Passa Quatro e os paulistas, que disputaram a ferro e fogo o domínio do Acidente Capital, na cidade de Cruzeiro, entroncamento ferroviário estratégico. Disputa da qual o Capitão Médico Juscelino relatou detalhes em carta.

O General Klinger não havia se consagrado como um estrategista e tático militar, e sim como um grande artilheiro que, com seus estudos na Alemanha em 1912, e dedicação ao assunto, muito desenvolveu a Artilharia do Exército, cujos progressos ele transmitia principalmente através de seus numerosos artigos na Revista A Defesa Nacional, a qual ajudou a fundar com outros “Jovens Turcos”<sup>3</sup> em 1913 os quais, através da citada revista, promoveram uma revolução cultural no Exército.

Ensinos de Artilharia de Klinger que foram muito usados por nossa Artilharia na FEB, conforme reconheceu o seu amigo que comandou a FEB, o Marechal Mascarenhas de Moraes. Klinger fora o mais brilhante aluno que estudou na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo, podendo ter concluído seu curso de três anos em um só, mas lhe foi permitido concluir em dois, sendo o único a

---

<sup>2</sup> Esta Revolução foi episódio histórico sobre o qual escrevi o livro *O Exército farrapo e os seus chefes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2 v., 1992. Livro em que foi demonstrado que a Revolução Farroupilha foi um laboratório de táticas e estratégias militares gaúchas. E, mais do que isto, uma escola de líderes de combate que, depois de combaterem quase 10 anos em campos opostos como republicanos farrapos e imperiais, irmanaram-se na defesa do Brasil nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851/52), contra Aguirre em 1864 e contra o governo do Paraguai (1865/70).

<sup>3</sup> Os “jovens turcos” eram oficiais do Exército brasileiro que estagiaram no Exército alemão durante os anos de 1906 a 1912. Ao retornarem ao Brasil iniciaram uma campanha de modernização do Exército, que, desde o início, extrapolou os limites da caserna ao propor mudanças no meio civil, que abarcavam desde o desenvolvimento da indústria de base até a aplicação do serviço militar obrigatório. Nesse afã modernizador, os “jovens turcos” acabaram desenvolvendo um pensamento político conservador e favorável à intervenção do Exército na política, pois, segundo a visão do grupo, as Forças Armadas representavam as únicas instituições verdadeiramente nacionais, que, portanto, estavam aptas a liderar um amplo processo de desenvolvimento nacional. Ademais, consideramos que os “jovens turcos” foram os precursores da ideologia de segurança nacional, que, décadas mais tarde, caracterizaria a ação da Escola Superior de Guerra, fundada em 1949 (Encontro de História da Anpuh: <http://encontro2008.rj.anpuh.org>).

receber como prêmio um espadim distintivo de sua aplicação e brilho estudantil, o qual depois mandou banhar em ouro, doando-o à Campanha do Ouro em São Paulo em 1932, e que hoje se encontra em um museu paulista.

Biografamos Bertoldo Klinger, em seu centenário, na Revista A Defesa Nacional nº 711, jan/fev 1991. A ele muito devemos o trabalho de resgate da História da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo em nosso livro Escolas Militares em Rio Pardo 1859/1911, em parceria com o acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e prefaciado pelo acadêmico Gen Ex Renato César Tibau da Costa, então comandante do Comando Militar do Sul e hoje presidente do Clube Militar. Escola Militar onde estudaram, entre outros, Getúlio Vargas, Eurico Dutra, Mascarenhas de Moraes e o Coronel Pantaleão Pessoa. Este seria o Chefe do Estado-Maior do General Góis Monteiro que redigiu os termos da Convenção Militar que colocou fim no movimento de 1932, a maior luta interna do Brasil, na qual “era reconhecida a extraordinária persistência e bravura com se bateram os paulistas”, em defesa de suas verdades.

Abordamos a Revolução de 32 em Cruzeiro, SP, em palestra no 60º aniversário da mesma, em 1992, a convite do IEV, cujo texto publicamos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, entidade de que somos sócio desde 1977, tendo como patrono o paulistano Cel Diogo Moraes de Arouche Lara, o 1º historiador militar do Brasil como Reino Unido. Cadeira inaugurada na AHIMTB pelo historiador Hernani Donato, elevado a acadêmico emérito, sendo hoje seu titular o notável historiador sorocabano Adilson Cesar. Abordamos a Revolução de 32, novamente, do ponto de vista militar crítico na boca do Túnel, em Passa Quatro, para a TV Cultura, por meio de uma análise doutrinária militar, ressaltando a importância estratégica desta posição, o mais importante Acidente Capital da Revolução que, de posse dos paulistas, assegurava proteção do seu dispositivo no Vale do Paraíba, dispositivo que alcançou os limites de São Paulo/Rio de Janeiro. Acidente Capital que, de posse dos governistas, em Cruzeiro, isolariam o dispositivo paulista entre Cruzeiro e Resende, ao longo dos eixos ferroviário e rodoviário. E que depois de operada a junção da frente Leste no Vale do Paraíba com a Frente Mineira decretava o fim da capacidade defensiva tática dos revolucionários. E foi o que aconteceu!

Percebendo a importância da posição, em 10 de julho, dia seguinte ao estouro da Revolução, o revolucionário Coronel Sampaio, que segundo consta seria descendente do heroico General Antônio de Sampaio, patrono da Infantaria do Exército, fortificou o maciço e o túnel, para assim cobrar alto preço por sua conquista pelas tropas governistas da Frente Mineira.

No debate na Assembleia de São Paulo chamaram minha atenção as preciosas considerações históricas do nosso acadêmico emérito Hernani Donato, sobre o valor do povo paulista no conflito, que considero o mais notável exercício de Mobilização Geral ocorrido no Brasil e riquíssimo em lições de Logística, bem como a participação militar, geralmente esquecida do esforço revolucionário no Rio Grande do Sul, Bahia, Mato Grosso, Amazonas e Belém. De fato foi notável e comovente a resposta do Povo Paulista à convocação para a luta, como ressaltai na entrevista a TV Cultura no Túnel da Mantiqueira. Muito apreciei o debate esclarecedor e democrático na Assembleia de São Paulo, como as considerações da professora Ilka Cohen, historiadora social, de que a Revolução foi promovida por elites oligárquicas depostas pela Revolução de 30. E ao que nos pareceu houve consenso entre os debatedores. Igualmente apreciei as considerações do professor Rogério Batistini Mendes, professor da Escola de Sociologia e Política, bem como a equilibrada participação do repórter moderador dos debates e perguntas dos universitários assistentes. Debate muito esclarecedor na procura da verdade, sem maniqueísmo, assegurando o contraditório, a determinadas posições mitificadas. E, em especial a dos professores Rogério e Ilka que expuseram os pontos de vistas dos governistas. Interessante foi a Guerra Psicológica mencionada por Hernani Donato desenvolvida pelas lideranças da Revolução sobre o Povo Paulista e a dos governistas sobre o restante do Brasil. E ambos exagerando intenções indignas de cada contendor. Confirmando assim que na guerra a “primeira vítima é a verdade”. Ou que “em tempo de guerra a mentira é como terra”. Concordamos com o confrade Hernani Donato de que a Revolução militarmente nasceu morta e que embora ela tivesse inicialmente uma ideia ofensiva

visando atingir o Rio, ela foi defensiva e não explorou o efeito surpresa. Resultado: o seu isolamento e bloqueio e liberdade total para o Governo fazer cerrar para a frente de combate recursos de toda a ordem.

O professor Rogério colocou muito bem questões do lado dos governistas, o que é difícil colocar face à ainda possível paixão, como no caso da Revolução Federalista (RS/1893/95) e Revolta na Armada (1893/95), em razão da lembrança das atrocidades cometidas por ambos os contendores contra o adversário, por serem conduzidas por lideranças civis, com tropas civis sem o conhecimento de Ciência e Arte Militar.

Na entrevista à TV Cultura no Túnel, mencionei o esforço gaúcho sobre a liderança de Borges de Medeiros e Batista Luzardo que teve seu epílogo em 20 de setembro de 1932, em Piratini, exatamente a 97 anos da eclosão da Revolução Farroupilha, com a derrota e prisão dos líderes gaúchos em Cerro Alegre, que formaram ao lado dos paulistas<sup>4</sup>.

Lamento que nossa contribuição à TV Cultura não tenha sido mais bem aproveitada e citada nos agradecimentos à AHIMTB, à qual eu e Hernani Donato integramos como historiadores militares<sup>5</sup>.

Os expositores das outras frentes, que eram predominantemente moças, foram brilhantes, em especial a que lia o Diário de Getúlio, inclusive numa tomada em frente ao Monumento do General Osório no Rio (bicentenário em 2008) e tema de meu livro General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro<sup>6</sup>. Mas foi um documentário sem rival no qual muito aprendi com o debate dos integrantes da mesma e as interessantes perguntas do coordenador. Privamos com dois oficiais do Exército, nossos particulares amigos que, quando jovens combateram como soldados da Revolução de 32, o Cel Edgar Barreto Bernardes, filho de Itatiaia e que nos prestou depoimento sobre sua participação como revolucionário paulista, o qual publicamos na Revista da Academia Itatiaense de História nº 1 em 2005, às p. 23/25. E o General Carlos de Meira Mattos, herói de nossa FEB e notável geopolítico brasileiro, filho de São Carlos, e hoje patrono de cadeira especial na FAHIMTB, sucessora da AHIMTB, na qual foi o 1º a ser empossado como acadêmico.

(\*) Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e AHIMTB/Resende - Academia Marechal Mário Travassos, sucessoras da AHIMTB, em 23 de abril de 1911, Bicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul.

## **SÍNTESE DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932**

Luiz Ernani Caminha Giorgis (\*)

A Revolução começou no dia 09 de julho na capital, São Paulo, liderada pelos generais Bertoldo Klinger, Euclides Figueiredo e Isidoro Dias Lopes. Este último era o comandante geral da revolução. Seu fundamento foi a demora do Presidente Getúlio Vargas em redemocratizar o país através da reconstitucionalização do país, já que ele, simplesmente, havia renegado a 1ª Constituição

---

<sup>4</sup> No local, por pouco, não foi aprisionado meu pai, prefeito de Canguçu, que se dirigia para encontrar-se com Borges de Medeiros, do qual seu pai Cel GN Genes Gentil Bento fora seu Chefe de Polícia, Secretário e organizador da defesa de Porto Alegre com a Guarda Republicana em 1923.

<sup>5</sup> AHIMTB que possui em São Paulo quatro Delegacias tendo como patronos o historiador militar Cel PMSP Pedro Dias Campos na Associação de Oficiais da Reserva da PMSP e como patronos de cadeiras especiais os generais Miguel Costa e Marcondes Salgado e, também consagrado patrono de cadeira em vida, o Cel PMSP Edilberto de Oliveira Mello, o maior historiador militar contemporâneo da PMSP. E no Comando Militar do Sudeste (CMSE), como patrono, o General Bertoldo Klinger. Em Sorocaba o historiador da Revolução de 1842, Aluisio de Almeida, e em Campinas o Marechal Mário Travassos. Atribuímos isso à percepção equivocada da Sociedade Brasileira de que a responsabilidade pela Defesa Nacional é de suas Forças Armadas, quando estas em realidade são o braço armado do Povo Brasileiro, o qual é o responsável pela eleição de seus dirigentes no Poder Executivo e Legislativo que, em realidade, são os responsáveis, historicamente, pela Defesa Nacional e, por via de consequência, com o dever de bem armarem as Forças Armadas, como braço armado do Povo Brasileiro e com os meios compatíveis para bem atenderem esta lei da História Militar Mundial "Se queres a paz, prepara-te para a guerra".

<sup>6</sup> Herói que teve seu batismo de fogo entre cavalarianos paulistas da Legião de São Paulo, na Guerra da Independência na Província Cisplatina.

do Brasil, a de 1892. O outro fundamento era a de São Paulo ser contra a imposição de interventores (governadores) nomeados pelo Executivo, amiúde pessoas que não eram nem paulistas.

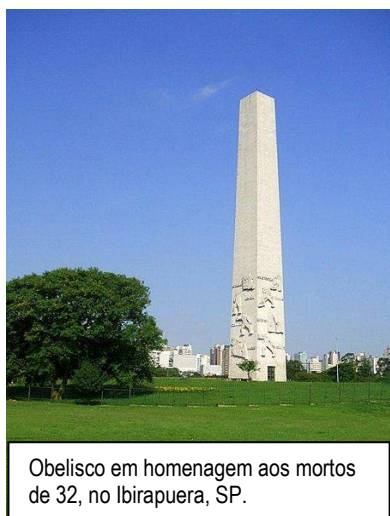
Como Getúlio alcançou o poder em 30 com a ajuda do tenentismo, os paulistas dirigiram também aos “tenentes” a sua inconformidade com a situação. Claro que havia outros interesses em jogo, dispensáveis nesta síntese.

Este movimento conflagrou o Estado de São Paulo, chegando ao Mato Grosso. Terminou a 30 de outubro do mesmo ano com a rendição das tropas revolucionárias.

No Rio Grande do Sul, a Frente Única Gaúcha já havia rompido com Vargas em março de 32, e este fato levou os grupos que já conspiravam em São Paulo a acelerar os preparativos para a revolução (FAUSTO, 2002, p. 343).

O movimento revolucionário começou com um episódio dramático em maio. Foi a tentativa de invasão da sede de um jornal tenentista no centro de São Paulo. Quatro estudantes, Miragaia, Marcondes, Dráusio e Camargo foram mortos por tiros disparados da sede do jornal. Assim, entre outros grupos, formou-se o MMDC, com as iniciais dos nomes. Os jornais getulistas eram *A Razão* e o *Correio da Tarde*. Embora Vargas tenha assinado um decreto em maio criando uma comissão para elaborar o projeto constitucional e marcado para 03 de maio de 1933 as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, as insatisfações contra o governo continuaram (PANDOLFI, 2003, p. 24).

O apoio que os paulistas esperavam, a partir de 09 de julho, dos gaúchos e dos mineiros não chegou. Ao contrário, o interventor do RS, Flores da Cunha, resolveu apoiar Getúlio e mandou tropas contra São Paulo. O estado passou a lutar praticamente sozinho, e o principal objetivo dos revolucionários paulistas era atacar a capital, o Rio de Janeiro, o que não ocorreu, e a Marinha bloqueou o porto de Santos, isolando-o.



Obelisco em homenagem aos mortos de 32, no Ibirapuera, SP.

Foi notável a capacidade de mobilização das forças paulistas, da indústria e do povo em geral, mas a superioridade dos governistas era determinante, com 18.000 homens, munição suficiente e artilharia pesada. As forças de São Paulo eram de 8.500 homens. No ar, os paulistas tiveram nítida inferioridade para a aviação federal. Aliás, a Revolução de 1932 marcou o ingresso da aviação como arma de combate no Brasil (FAUSTO, 2002, p. 350). Em três meses os paulistas foram vencidos. Os ataques ao território de São Paulo foram executados em três frentes: a do sul, a da fronteira com MG (norte-nordeste) e pelo Vale do Paraíba (leste). Com uma série de derrotas, em 01 de outubro, representantes da Força Pública paulista reuniram-se com o General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, comandante da frente leste e acertaram a rendição, para poupar vidas.

Da ordem de 500 oficiais foram expulsos das Forças Armadas. Estatísticas oficiais dão conta de um total de 830 mortos na Revolução. Mas algumas reivindicações foram obtidas do governo federal (FAUSTO, 2002, p. 350): - o mesmo não podia mais ignorar as elites paulistas; - a nomeação de um interventor paulista (Armando Sales Oliveira, 1933); e - a diminuição dos débitos dos agricultores paulistas atingidos pela crise econômica. Fontes:

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Os anos 1930: as incertezas do regime in FERREIRA, Jorge et DELGADO, Lucilia. O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

(\*) Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel  
Presidente da AHIMTB/RS  
Vice-presidente do IHTRGS  
Academia General Rinaldo Pereira da Câmara/RS  
lecaminha@gmail.com